

Eleitor vota sabendo mais

Se a televisão não faz o presidente, tem se revelado contudo o veículo ideal para mostrar os candidatos, pondo-se na intimidade do eleitor que pode não só ouvi-los como vê-los, sondar-lhes as reações que se estampam na fisionomia, nas hesitações, nos lapsos, no riso, no sorriso, na ira, na decepção. A telinha cria um tipo de convivência na qual dificilmente deixam de se exibirem os refulhos da alma de cada um. Hoje, na hora de votar, cada eleitor que conviveu com os debates e os programas montados pela mídia eletrônica leva indelével na própria alma a imagem bastante aproximada senão do que pensa pelo menos de quem é o candidato que escolheu. A experiência demonstrou que o pilantra não se esconde por muito tempo, tal como acontece na vida e que quem resistiu ao teste merece efetivamente o seu voto.



Além dos candidatos, a televisão mostra também à nação, essa entidade invisível mas tão presente nessas horas, o próprio eleitor, surpreendido nas ruas, nos locais de trabalho, em casa, na praia, nas cidadezinhas do interior, nos clubes, nos estádios, nas favelas, onde se encontra, natural e desprevenido. A média do eleitor que irá decidir a eleição que hoje se inicia está no transeunte da Avenida Rio Branco ou do Viaduto do Chá, gente simples, de resposta pronta, cada vez mais liberada das pressões do governo, do patrão, do vizinho, do partido, do cabo eleitoral, de tudo quanto lhe corta o sorriso e ensombrece sua vida. O que ele diz pode ser interpretado por jornalistas, políticos, sociólogos, etc., que ele não está interessado nisso. Ele fala com sua carga de sofrimentos e esperanças, uns reais, outras ingênuas ou não, mas tudo verdadeiro.

O eleitor que hoje vive nas grandes cidades já não reflete apenas a realidade urbana. Oriundo um pouco de toda a parte, ele traz na alma as realidades desses mil Brasis de que somos oriundos e cuja soma se concentra numa tal ou qual identidade de linguagem, de maneira de dizer, de ser sincero, prudente ou imprudente, no riso às vezes desdentado, nas marcas de carência impressas na cara. Pobre na imensa maioria, mas com uma vocação de liberdade que no fundo é a mesma que leva oprimidos mas bem nutridos alemães e derrubarem o muro de Berlim. Esta campanha eleitoral, pela grande intimidade que propiciou entre os brasileiros de todas as regiões e entre estes e os aspirantes a governá-los, enriquece o processo social e político e pode ser o primeiro passo para que algo de novo aconteça por aqui.

A seleção foi se dando por força de circunstâncias nem sempre inteligíveis, mas o fato é que de tudo ressalta que vai chegando à frente quem representa um sinal de mudança. É isso de certo modo que leva à cabeça das preferências detectadas pelos institutos de pesquisas candidatos como Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva. Lula é a renovação da esquerda, do movimento político dos trabalhadores, que leva sobre os partidos comunistas a vantagem de não estar comprometido com os slogans e processos ditatoriais que a *perestroika* vai quebrando no interior do mundo socialista. E sobre seu principal competidor, Leonel Brizola, a total desvinculação do trabalhismo de origem getulista e corporativa que produziu o pelego e outros equívocos. Collor, no centro-direita, inova com um liberalismo agressivo acentuado por sua personalidade de nítido corte autoritário.

À direita o candidato do PRN já definiu seu lugar no segundo turno. À esquerda porém a indefinição entra pelas urnas que hoje se abrem. Lula tem impulso mas nada indica ainda que Leonel Brizola ou Mário Covas já estejam por ele bloqueados. O PT ainda assusta e uma esquerda que não se propõe a mudar em substância as estruturas sociais e que pode se acomodar com o capitalismo tanto quanto a social-democracia européia pode preferir correr menos riscos e manter sua proposta seja com Brizola seja com Covas. A questão aí para cada um seria de credibilidade do candidato, ambos pessoas amadurecidas e com experiência política e administrativa bastante conhecida. Não se deve deixar de registrar a insólita ascensão de Paulo Maluf, registrada na pesquisa de ontem do Gallup, possível reflexo da mais recente interferência de Sílvio Santos na eleição. Essa seria portanto uma nova e sinistra ameaça ao sistema dito progressista.

De qualquer forma, apesar dos votos de homenagem ou de insofrida lealdade que forem dados, são apenas quatro (no máximo cinco) os candidatos que estão em condições hoje de passar ao turno da decisão, em busca do apoio da maioria absoluta do eleitorado. Vamos votar, portanto, sabendo que nosso voto irá pôr frente a frente Collor e um dos três cavaleiros que se propõem a montar esse árdego esquerdismo brasileiro, segurando-o pelas rédeas. Collor, Brizola, Lula e Mário Covas são as opções do dia.

Carlos Castello Branco